



Mesmo na Itália, onde inclusão é mais orgânica, migrantes têm pouco espaço nas redações

DIVULGAÇÃO / REDAÇÃO DO LA REPUBBLICA

Ao contrário de nações como França, Alemanha ou Inglaterra, na Itália a inclusão social de migrantes e de pessoas de diferentes religiões ocorre de uma maneira orgânica. O país recebe um grande número de refugiados por via marítima.

Muçulmanos, católicos e evangélicos vivem pacificamente e integrados ao estilo de vida local. Nas escolas, o governo italiano oferece refeições que respeitam dietas religiosas. É raro ouvir casos de racismo entre adolescentes.

“O jornalismo hoje, mais do que nunca, não tem fronteiras.

Diversidade é também sinônimo de criatividade.”

PAOLA BARRETTA

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, em 2021 os estrangeiros representavam a parcela de 8,7% da população italiana.

No entanto, quantos deles trabalham em veículos de informação? Poucos. Melhor dizendo, pouquíssimos. O conteúdo veiculado pela mídia italiana sobre questões envolvendo migrantes e estrangeiros que vivem no país é produzido com quase nenhuma influência dos que conhecem melhor a questão.

“Podemos contar nos dedos até mesmo os jornalistas “imigrantes” de primeira e segunda geração. Muitos desses “novos” italianos acabam se inserindo em setores onde a comunidade já se estabeleceu profissionalmente”, diz Paola Barretta, porta-voz da



Associação Carta de Roma, fundada para garantir uma correta informação sobre temas relativos aos imigrantes.

Paola acredita que a solução para inserir os jovens seja a introdução de cotas e o oferecimento de bolsas de estudos nas escolas de comunicação.

A maior barreira para absorção de imigrantes na mídia italiana é a língua escrita. Nas rádios e TVs não é raro ver a participação de comunicadores não italianos. Nos jornais, revistas e sites de informação, a realidade é outra.

“Não se trata de racismo. É preciso lembrar que dominar o idioma é condição básica,” alerta o repórter de economia do Corriere della Sera Leonard Berberi, que nasceu na cidade de Durres, na Albânia.

A geração de “novos italianos” é uma fonte de riqueza, pois traz consigo não só uma bagagem cultural diversa mas também a fluência em outras línguas.

É o caso da palestina Iman Sabbah, que graças a uma bolsa de estudos cursou jornalismo na Universidade LUMSA, em Roma. Ela cobriu a guerra no Iraque, apresentou programas pela RAI e desde 2017 é correspondente da emissora na França.

“O jornalismo hoje, mais do que nunca, não tem fronteiras. Se a mídia se unir a universidades e escolas de comunicação em programas de incentivo, poderemos ver mais ‘estrangeiros’ em nossas redações. Afinal, diversidade é também sinônimo de criatividade”, complementa a porta-voz da Associação Carta de Roma.